

Reflexões sobre a aplicabilidade da hipótese na investigação da pesquisa científica em Letras e Literatura

*Reflections on the applicability of the hypothesis in the investigation of
scientific research in Letters and Literature*

Daise Alves¹
Janaina Silva Costa²
Cícero da Silva³

Resumo: Este ensaio discute a abordagem investigativa segundo o Método Cartográfico, analisando os desafios de construir hipóteses na pesquisa qualitativa em Letras e Literatura. Trata-se de um estudo bibliográfico, na perspectiva cartográfica. Tendo-se como base conceitual a filosofia de Gilles Deleuze, com método intuitivo, a de Felix Guattari, com suas noções de multiplicidade, temporalidade, bem como a conjunção dos dois autores, com seus rizomas e com suas imagens de pensamentos múltiplos, assume-se a necessidade de romper com os clichês, para vislumbrar a pesquisa com estratégias metodológicas que vão se construindo na relação com o próprio objeto.

Palavras-chave: Hipótese. Pesquisa científica. Processo de criação.

Abstract: This essay discusses the investigative approach according to the Cartographic Method, analyzing the challenges of building hypotheses in qualitative research in letters and literature. It is a bibliographic study, from a cartographic perspective. Taking as a conceptual basis the philosophy of Gilles Deleuze, with an intuitive method, that of Felix Guattari, with his notions of multiplicity, temporality, as well as the conjunction of the two authors, with their rhizomes and with their images

1. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL/UFT) e mestra pelo Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Cultura e Território (PPGCuTUFT). daiseadv@hotmail.com

2. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da Universidade Federal do Tocantins. Licenciada em Pedagogia (2013), pelo Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC). janainasilvacosta53@gmail.com

3. Doutor (2018) e Mestre (2011) em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). É graduado (2001) em Letras - Licenciatura plena em Português-Inglês pela Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) e especialista em Leitura e Produção Escrita (2006) cicolinas@yahoo.com.br

of multiple thoughts, we assume if there is a need to break with the clichés, to envision research with methodological strategies that are built in the relationship with the object itself.

Keywords: Hypothesis. Scientific research. Creation process.

Introdução

O universo da pesquisa científica em sua abordagem qualitativa torna-se crescente, com o aumento de trabalhos científicos no campo social. Por isso, é importante pensar nos métodos de investigação para construir a pesquisa científica. Sabemos que, nas Ciências Sociais, existem métodos específicos para a pesquisa científica, quando da definição do problema científico, a depender do delineamento e amplitude da pesquisa.

Partimos do conhecimento de que são necessários alguns processos pelos quais a pesquisa se constrói a partir da indagação sobre um objeto, através de problemas propostos por métodos, técnicas e demais procedimentos científicos. Destacamos, então, que o método científico para elaboração de pesquisa é composto pelas seguintes etapas: observação, elaboração de problemas, hipóteses, experimentação, análise dos resultados e conclusão.

A hipótese é a etapa comumente vista como uma ponte temporária entre a teoria e o método da pesquisa, tornando-a singularmente importante, por apresentar foco ao tema, direção à pesquisa e fazendo com que o pesquisador saiba quais informações realmente precisa coletar, estreitando o campo de investigação.

No presente ensaio, debruçamo-nos sobre a abordagem da investigação através da pesquisa de acordo com o Método Cartográfico, analisando a hipótese na pesquisa qualitativa em Letras e em Literatura.

A Cartografia é retratada no livro “Mil Platôs”, volume I, de Deleuze e Guattari (1995), em que se desenvolve o conceito de rizomas para as produções sociais. A produção do conhecimento por rizoma é um princípio “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 21).

No primeiro momento, delineamos o conceito de pesquisa científica sob o olhar de diferentes filósofos, para defendemos a importância que a Ciência tem em todos os contextos sociais em que ela se apresenta para construir conhecimento científico, destacando a hipótese no contexto das abordagens mais utilizadas na investigação das pesquisas.

Em seguida, apresentaremos os clichês sobre os quais a metodologia científica

vem se desenvolvendo, essencialmente no tocante às hipóteses propostas para a solução de problemas, tornando-a rigorosa e permanente, quando sabemos que sua flexibilidade é necessária principalmente em estudos em Letras e em Literatura.

Por fim, vislumbramos a Cartografia como um novo método de pesquisa que contempla a liberdade necessária ao pesquisador. Tendo-se como base conceitual a filosofia de Gilles Deleuze, com o método intuitivo, e de Felix Guattari, com suas noções de multiplicidade, temporalidade, e da conjunção dos dois autores, com seus rizomas e com suas imagens de pensamentos múltiplos.

Metodologias quantitativa e qualitativa de investigação na pesquisa científica

Ciência não tem um conceito definido, “ao contrário disso, é mister partir de que a demarcação científica coloca no fundo discussão inacabável, desde que não se aceite o dogma como algo científico” (Demo, 1995, p. 16). Para o autor, a Ciência, para diferir de senso comum e ideologia, necessita ter critérios internos, como coerência, ou seja, a propriedade lógica das argumentações, a consistência das argumentações resistindo às contrárias, presando pela atualidade, a originalidade e a objetivação, como tentativa de descobrir a realidade e o critério externo como a intersubjetividade caracterizada pela “opinião dominante da comunidade científica em determinada época e lugar” (Demo, 1995, p. 20-21).

Importante observar que a Ciência não busca solucionar os problemas sociais e sim os científicos, considerando que a Ciência não é o único caminho para o conhecimento e a verdade. A pesquisa se constrói acerca da indagação em torno de um objeto, através de procedimento sistemático que responda de forma satisfatória a problemas propostos por métodos, técnicas e demais procedimentos científicos (Chalmers, 1993).

Para Demo (1995, p. 23), o problema da demarcação científica está “na opção inicial entre ciências sociais imitativas das ciências naturais e ciências sociais com horizonte próprio” concluindo que não deveria haver distinção uma vez que “a realidade social é natural, ou seja, objetivamente dada, em parte, é fenômeno próprio, ou seja, subjetivamente construído pelo ator político humano” (Demo, 1995, p. 23).

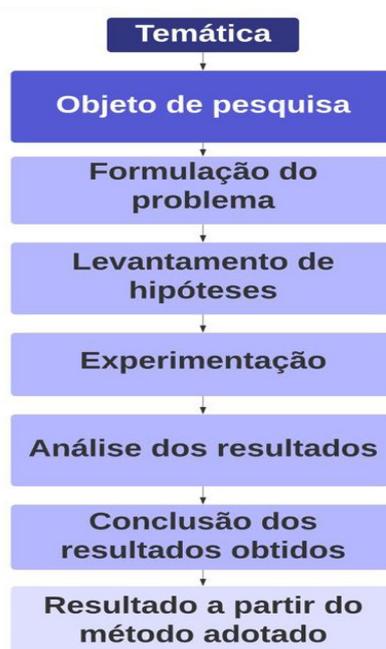
A pesquisa na Ciência Social origina-se no interesse para a produção do conhecimento científico em vários campos de atuação por meio de métodos empíricos (p. ex., perguntas, observação, análise de dados etc.) com objetivo de “fazer afirmações de base empírica que possam ser generalizadas ou testar essas declarações” (Flick, 2013, p. 18).

Eco (2007, p. 52-55) estabelece que a pesquisa científica deve responder aos seguintes requisitos: 1) o objeto de estudo deve ser reconhecível e definido pelo pesquisador e pelas outras pessoas; 2) a pesquisa deve revelar algo que ainda não tenha sido dito ou rever com uma ótica diferente as coisas que já foram ditas; 3) a pesquisa deve ser útil; 4) a pesquisa deve fornecer os elementos para a confirmação ou rejeição das hipóteses levantadas, obedecendo as regras científicas.

As etapas do processo de investigação na metodologia científica abrangem a definição da temática, do objeto de pesquisa, a formulação do problema, o planejamento do projeto com a fase de coleta de dados, metodologia, análise dos dados, das observações e a conclusão dos resultados obtidos.

Acrescente-se a essas etapas, após a formulação de problemas, a criação de hipóteses, com a aplicação de vários métodos de abordagem como o método hipotético-dedutivo, criado por Karl Popper, método indutivo de Francis Bacon e dedutivo de René Descartes, método dialético. Inclusive, na pesquisa social, outros métodos de procedimento são possíveis na investigação, permitindo o estudo com métodos concomitantes, como funcionalista, estruturalista, entre outros.

Fluxograma 1. Exemplo



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

A pesquisa se desenvolve com a escolha do tema que se deseja investigar, definição do objeto e a formulação do problema, que deve ter uma indagação clara e compreensível do que se pretende resolver através dos procedimentos científicos. O problema enuncia variáveis de forma interrogativa e a hipótese de forma afirmativa,

assim, por meio das hipóteses propõe-se respostas aos problemas que serão confirmados ou refutados.

Para Gil (2002, p. 31), após a identificação de um problema solucionável, o próximo passo é a hipótese testável para resolver o problema proposto inicialmente, cuja elaboração deve ser fruto de um processo criativo. Como afirma o autor, não é possível fixar regras para elaborar hipóteses, mas “em boa parte dos casos a qualidade mais requerida do pesquisador é a experiência na área” (Gil, 2002, p. 35).

A investigação científica através do problema formulado necessita que as variáveis sejam verificáveis, sem subjetividades ou formulação de juízo de valor.

Para tentar explicar o problema, são formuladas hipóteses; destas deduzem-se consequências que deverão ser testadas ou falseadas. Falsear significa tentar tornar falsas as consequências deduzidas das hipóteses. Enquanto no método dedutivo se procura confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo se procuram evidências empíricas para derrubá-la (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 27).

A hipótese na pesquisa científica se constitui numa proposição, uma suposição a ser comprovada, de conceituação diversa, mas que corresponde a uma “proposição testável que pode vir a ser a solução do problema” (Gil, 2002, p. 31). A sua formulação pode estar explícita ou implícita na investigação, mas que será submetida à comprovação.

A construção e verificação de hipóteses permitem ao pesquisador discriminar o que irá observar ou mesmo explicar os fatos e fenômenos relevantes, com o devido suporte teórico para o problema a ser explorado, de acordo com as variáveis em seu aspecto mutável e as tentativas de falseamento ou de corroboração.

Neste aspecto, para a comprovação de fatos, fenômenos, as variáveis podem direcionar a dois tipos de hipóteses, importantes na construção da pesquisa, a explicativa e a preditiva:

A **hipótese explicativa** é formulada sempre *post factum*, surgindo como resultado de gradativas generalizações de proposições existentes na teoria de nível inferior (indutiva); a **preditiva**, por sua vez, é formulada *ante factum*, precedendo a observação empírica na teoria de nível superior (dedutiva) (Lakatos, 2019, p. 141, grifos do autor).

Na perspectiva da pesquisa preditiva, é necessário ao cientista o conhecimento do seu objeto de pesquisa, uma vez que formula as hipóteses antes do fato, em que deve prever fenômenos, de tal forma que o pesquisador precisa aprofundar o seu co-

nhecimento sobre o objeto e as varáveis.

Assim, para se chegar à fase de formulação de hipóteses pode-se utilizar, por exemplo, como fonte as situações vivenciadas como as próprias experiências do pesquisador e de outros universos, a observação dos fatos, ou a correlação entre fatos, análise de teorias, culturas, num amplo meio de verificação e criatividade do pesquisador.

A depender do método aplicado, mais probabilidades de acerto a pesquisa terá. A pesquisa quantitativa aponta para descrição, explicação, mensurando os dados em números, cálculos, comparação de resultados, as informações obtidas para serem classificadas e analisadas, sendo comum o uso de estatísticas. Conforme Lakatos (2019, p. 325), nas Ciências Sociais a pesquisa quantitativa “é a mais apropriada para apurar atitudes e responsabilidades dos entrevistados, uma vez que emprega questionários”.

Na pesquisa qualitativa, a pesquisa é descritiva, não se quantificando as informações, se preocupa em compreender e contextualizar a complexidade do comportamento humano, cujos resultados são abertos, flexíveis, os dados obtidos são analisados pelo método indutivo.

Os apontamentos aqui expostos são uma perspectiva de abordagem ante as formas colocadas na pesquisa científica, para se atentar ao rigor da pesquisa, permitindo credibilidade científica e evitar falseamentos nos resultados.

Rompendo com clichê na pesquisa

Essa atitude de pesquisa com os cotidianos, em meio à complexidade do rigor metódico, de quantificar ao invés de provocar devires, faz com que a pesquisa científica fique cheia por todo tipo de clichês com os quais precisamos romper. Para Deleuze (2007), seria um erro acreditar que o pintor trabalha sobre uma superfície em branco e virgem. A superfície já está investida por todo tipo de clichês com os quais, torna-se necessário romper.

Para isso, a pesquisa científica voltada para descobrir, explicar, representar e até mesmo romper com clichês, demandaria uma longa preparação (Deleuze; Parnet, 2004), valorizando a questão da investigação e do saber.

Pensar é experimentar, é problematizar [...] É, a cada vez, inventar o entrelaçamento, lançar uma flecha de um contra o alvo do outro, fazer brilhar um clarão de luz nas palavras, fazer ouvir um grito nas coisas visíveis. Pensar é fazer com que o ver atinja seu limite próprio, e o falar atinja o seu, de tal forma que os dois estejam no limi-

te comum que os relaciona um ao outro separando-os (Deleuze, 1998, p. 124).

A pesquisa, palavra que vem do latim *perquirere*, significa perquirir, informa-se, utilizada quando se pretende descobrir ou ordenar problemas, de tal forma que a pesquisa é um longo caminho cheio de fases. E segue um rigor metodológico no planejamento, através de buscas planejadas, objetos definidos, com aplicação de teorias e hipóteses.

Retornamos ao fato de que, num devir em pesquisa científica, existe sempre a surpresa de algo insignificante, inesperado, um detalhe que expressa uma reviravolta em todo processo metodológico, fazendo com que saíamos do nosso lugar de acomodação para o de agenciamentos profícuos, permitindo a superação dos clichês e ocasionando o seu rompimento. De acordo com Deleuze e Guattari (2008), não há intencionalidade do pesquisador que consiga fazer isso. Precisamos sempre, também, contar com o acaso.

Os clichês estão lá, na folha ou na tela branca, esperando que o artista os triture em todos os sentidos; mas, para que consiga a ideia, para que construa séries e para que crie perceptos – conjuntos de sensações estéticas, éticas e perenes, não basta triturá-los, é preciso ainda que a criança ou o artista mergulhem no caos, comungando com ele toda uma série de movimentos, de cortes e de fluxos (Oliveira; Costa; Silva, 2020, p. 65).

Há necessidade de romper com os clichês na pesquisa científica, para vislumbrar a pesquisa com estratégias metodológicas que vão se construindo na relação com o próprio objeto. Abandona-se o clichê da pesquisa científica como apresentação dos mesmos sentidos, ou de um único sentido na investigação, para se criar rizomas, experimentando uma nova realidade, novas conexões, permitindo o fluxo movente, inovando a perspectiva da realidade anteriormente endurecida, sólida no contexto da investigação.

Na pesquisa cartográfica não se estabelecem protocolos pré-definidos, regras, ressignifica os clichês da pesquisa, porém, não se abandona o rigor científico. Para Passos, Kastrup e Escóssia (2015, p. 11), a “Cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento [...]”.

A criação de hipóteses nas pesquisas cartográficas não precisa ser definida após a criação do problema, ou antes, de realizar a pesquisa, ela vai sendo experimentada ao longo da investigação, uma pesquisa aberta, afasta-se o sentido pré-estabelecido para acolher novas experimentações, o percurso da pesquisa apresenta as metas, a criação de hipóteses, e a revisão das hipóteses que já haviam sido pensadas.

A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que

tudo aquilo que tem aparência de “o mesmo” não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma. Entretanto, o rizoma não tem centro (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 10).

O contato do pesquisador com as variáveis da pesquisa propicia o devir, delinea a pesquisa que deve ser *sentida* pelo pesquisador, uma particularidade transforma o percurso, retira a zona de conforto do pesquisador, permite novas experiências, construindo a pesquisa, superando as rusticidades, rompendo clichês.

Para romper com os clichês existentes na aplicabilidade da hipótese na investigação da pesquisa científica em letras e literatura, é necessário ir além das estruturas e formas estabelecidas pelos procedimentos padrões e nomotéticos, provocando discussões com intuito de construir devires que pensem modos distintos para apresentar novas ideias, demonstrando a potencialidade da pesquisa Cartografia para com a aplicabilidade da hipótese em Letras e em Literatura.

A pesquisa em Letras e Literatura, a partir da Cartografia, estimula o olhar para novas temáticas transformando a investigação em experimentação de devires, criando rizomas com o objeto de estudo, como por exemplo, a análise de língua, terminologias, os textos literários em que a universalidade da pesquisa permite ir além da identificação de enredos e personagens. Neste aspecto, o texto deve ser sentido, apreciado, permitindo novas relações de sentido.

A Cartografia como método de pesquisa

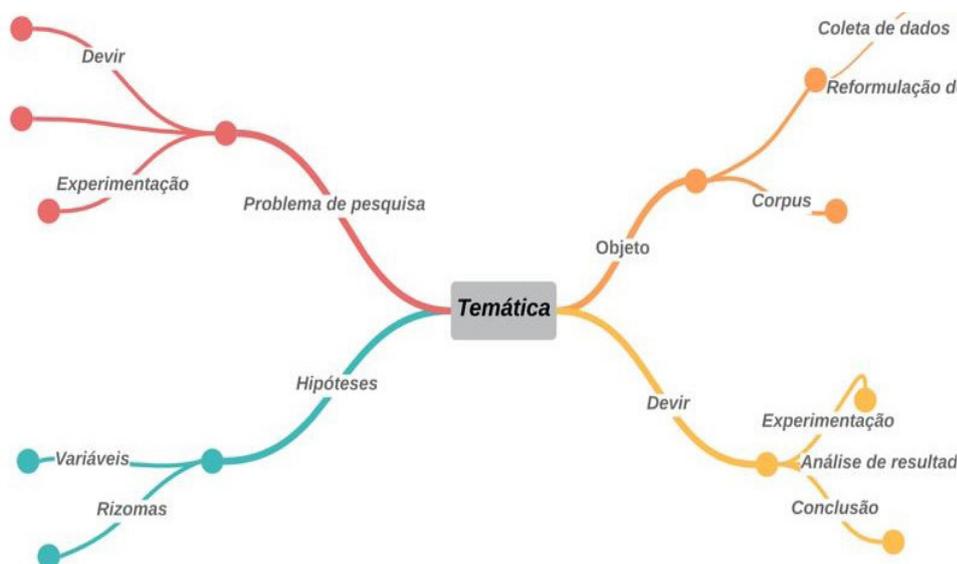
A investigação na Cartografia é para ser experimentada. Para Passos, Kastrup e Escóssia (2015, p. 10), eis, então, o sentido da Cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas. É como deveríamos trabalhar a aplicabilidade da hipótese na investigação da pesquisa científica em letras e literatura, ou seja, com a pesquisa cartográfica devido ela ampliar nossa percepção de mundo.

Como tentamos argumentar, o método cartográfico comporta uma concepção ampliada de conhecimento. Não mais restrito à descrição e/ou à classificação dos contornos formais dos objetos do mundo, conhecer é também acessar o movimento próprio que os constituem, ou seja, conhecer a realidade é traçar seu processo constante de produção (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 106).

O cartógrafo rompe com a forma de pesquisa de apenas buscar soluções de problemas e testar as hipóteses, atravessa, acompanha e sente o processo investigativo, tem liberdade na pesquisa, interage com o devir, não como um caminho único, previa-

mente estabelecido, permitindo os sentidos, inovando a forma de pesquisar.

Fluxograma 2. Exemplo



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

A Cartografia tem como sentido, segundo Oliveira, Costa e Silva (2020), a conexão de redes, o acompanhamento de percursos e a implicação em processos de produção. Assim, a pesquisa Cartografia apresenta rizomas de acordo com a construção do pensamento e vai desenrolando experimentações reais, possibilitando o fazer prático.

A pesquisa Cartografia através do agenciamento profícuo que com agenciamentos, experimentações e devires constroem linhas de fugas que são capazes de despir de investigações limitantes, para mergulhar no processo criador de territórios, que desterritorializam e reterritorializam que permite a hipótese na investigação da pesquisa científica em Letras e Literatura o surgimento do novo e o eclodir intenso da criatividade. Criatividade esta necessária ao desenvolvimento da pesquisa científica que busca intensificar as relações com o mundo.

Considerações finais

A Pesquisa Cartográfica permite ao investigador criar rizomas, experienciar seu objeto de pesquisa, implica num olhar de acompanhar o percurso, permitindo uma liberdade que não se fecha em si com seu objeto e suas hipóteses, é atravessado por linhas, permitindo a Cartografia mapear as linhas dos acontecimentos, explorar os territórios, diferentes territórios de caráter subjetivos, mapear todo o processo de pesquisa científica na área social.

O cartógrafo rompe com a forma de pesquisa de apenas buscar soluções de pro-

blemas e testar as hipóteses, atravessa, acompanha e sente o processo investigativo. Ele tem liberdade na pesquisa, interage com o devir, não como um caminho único, previamente estabelecido, permitindo os sentidos, inovando a forma de pesquisar.

A Cartografia rompe com o distanciamento entre sujeito pesquisador e objeto, pesquisador rompe com o processo de distanciamento da produção da realidade a ser pesquisada, apontando outros resultados nas várias modalidades de pesquisa.

Acreditamos que a Cartografia permite novas práticas de experimentar a realidade nas pesquisas sociais do ensino-aprendizagem em línguas, literatura, apresentando uma forma atual de se trabalhar com problemas, hipóteses, materializando as pesquisas em artigo, aumentando as produções científicas.

Referências

- CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008. v. 4.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.
- DEMO, P. **Metodologia científica e ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- ECO, U. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. 13. ed. Lisboa: Editorial Presença 2007.
- FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- MINAYO, M. C. S.; GUERRIERO, I. C. Z. Reflexividade como *éthos* da pesquisa qualitativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014194.18912013>.
- OLIVEIRA, L. R. P. F.; COSTA, P. V.; SILVA, R. S. **Arte-Cartografia**. João Pessoa: Ideia, 2020.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

Recebido em: 21 de outubro de 2021

Aprovado em: 20 de maio de 2022